O GÊNERO CRÔNICA NA DIMENSÃO JORNALÍSTICA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE A VISÃO DE BAKHTIN E DE FAIRCLOUGH

Odete Cicatto Benghi – Universidade Católica de Pelotas (UCPEL)

RESUMO:
Este artigo visa a analisar o gênero crônica com base na discussão sobre gêneros do discurso orientada pelo prisma dialógico de Bakhtin confrontado com o ponto de vista ideológico da Análise Crítica do Discurso sob a ótica de Fairclough. Tendo em vista que o domínio do gênero instrumentaliza o falante para a construção de sentidos na interação, ao mesmo tempo em que o gênero influencia as estruturas sociais é ratificado e atualizado por elas. A crônica é aqui entendida como possuidora de um espaço cativo relevante na esfera jornalística, um espaço privilegiado de interlocução entre o literário-jornalístico, parecendo importante analisar seu papel enquanto gênero híbrido, bem como sua interlocução com outros textos daquela esfera.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros do discurso. Crônica. Análise Crítica do Discurso. Dialogismo.

INTRODUÇÃO

A linguagem opera como sistema mediador de todos os discursos correntes na sociedade contemporânea e medeia todas as relações humanas a tal ponto que o desconhecimento dela ou a relativa inabilidade de lidar com ela pode levar à exclusão social.

Na sociedade atual poucos ainda são os indivíduos que têm uma visão crítica do discurso escrito/lido, falado/ouvido e que compreendem os textos a partir da interação escritor-(con)texto-leitor, ou seja, que têm uma idéia mais clara do impacto e do poder da linguagem no mundo em que vivemos.

De acordo com Meurer e Motta-Roth (2002, p. 11), “Ao servir de materialidade textual a uma determinada interação humana recorrente em um dado tempo e espaço, a linguagem se constitui como gênero.” Segundo Kleiman (2005), para Bakhtin, o gênero torna possível toda e qualquer atividade que envolve o uso da linguagem. É através dele que uma determinada prática social discursiva é atualizada nos eventos de interação específicos de cada grupo social.

A noção de gênero está ligada à idéia da pluralidade dos discursos, ou seja, dos discursos das diversas esferas de comunicação. Além disso, está também conectada à idéia de uma relação dialógica entre si mesmo e o outro, nosso discurso é sempre dirigido a outros interlocutores, e esse mesmo discurso é determinado sócio-

historicamente. A noção de gênero está ainda vinculada a da construção ativa da compreensão e da responsividade do interlocutor. Para Bakhtin (1998, p. 90), “Todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada” e, ainda, “na vida real do discurso falado, toda compreensão concreta é ativa: ela liga o que deve ser compreendido ao seu próprio círculo, expressivo e objetal e está indissoluvelmente fundido a uma resposta, a uma objeção motivada [...]”(BAKHTIN, 1998, p. 90).

O objetivo deste artigo é analisar sob a perspectiva dos gêneros do discurso, o gênero crônica jornalística sob o viés da Análise Crítica do Discurso (ACD), com base em Fairclough, e sob o viés da construção dialógica em Bakhtin. A partir dessas duas visões, procuraremos discutir sua natureza híbrida, como gênero jornalístico e literário.

O TEXTO COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE DAS RELAÇÕES SOCIAIS

A análise da sociedade e das relações sociais está profundamente vinculada à análise dos textos que circulam nesta mesma sociedade. Rodrigues (2005, p. 157) aponta que no dizer de Bakhtin o texto (aqui considerado tanto na sua forma escrita quanto oral, tanto na forma verbal ou em outra forma semiótica) é “a unidade, o dado (realidade) primário e o ponto de partida para todas as disciplinas do campo das ciências humanas, apesar de suas finalidades científicas diversas”. Tal afirmação ratifica o posicionamento e as pesquisas desenvolvidas por teóricos posteriores, como Fairclough (apud MEURER, 2005), que apontam para a possibilidade de compreensão e discussão das relações de poder e das estruturas sociais na inter-relação com os diversos textos que circulam na sociedade.

Um texto, como concebido por Bakhtin (apud RODRIGUES, 2005, p. 158) é ao mesmo tempo uma “unidade coerente de signos” e um enunciado irrepetível e como tal está vinculado a

> um projeto discursivo (o autor e seu querer dizer) e a realização deste projeto (a produção do enunciado vinculada às condições/ coerções da situação de interação e sua relação com os outros enunciados; dado da situação social de interação, da língua, do gênero, etc.), sendo que a inter-relação dinâmica entre esses aspectos determinam o caráter do texto.

Ao entender o texto como enunciado, percebe-se que este tem uma função ideológica específica, possui um autor e um destinatário previsto, ao qual se dirige, e

está em relação dialógica com outros textos que o antecederam e com aqueles que o sucederão. A ACD (MEURER, 2005) também percebe o texto em sua função ideológica, e ainda em uma dimensão tridimensional que está relacionada a processos particulares de produção, distribuição e consumo desses mesmos textos. Na verdade todo enunciado e, portanto, todo texto, é gerado conforme os participantes da interação verbal, ou seja, conta com a compreensão ativa do outro ou dos outros que lerão ou ouvirão tal enunciado. Desta forma um texto é produzido visando a determinadas condições de consumo e é adequado a determinados canais de distribuição específicos.

Assim, o cronista, ao escrever o seu texto, percebe quem será o seu leitor potencial, orienta o seu texto para que este possa compreendê-lo e para gerar determinados efeitos de sentido e vincula o texto a um canal de distribuição específico (jornal, revista, mídia *online*), que naquele momento representa. No caso da crônica jornalística, o jornal que referenda a opinião do cronista também é aquele que funciona como instrumento de coerção, pois a liberdade do autor é de certa forma balizada pela linha de opinião do jornal.

Os enunciados já-ditos e os pré-figurados, compartilhados em uma determinada esfera social, contribuem para a criação de um novo enunciado que já nasce marcado pelas contribuições de outros tanto enunciados. Assim, uma crônica ao ser escrita já surge marcada por outros enunciados, por informações presentes em outros textos da esfera jornalística, compartilhados pelos interlocutores e por enunciados pré-figurados que surgirão em conseqüência a ela. O autor (cronista) mobiliza, então, recursos para obter respostas do leitor que antecipa ao escrever.

Vinculada à idéia de texto, aparece a noção de gênero do discurso. Ao estudar a noção de gêneros do discurso é importante ter em mente que esta "... desde Aristóteles e Platão até Todorov e Bakhtin, está associada à recorrência de certas especificidades e certos parâmetros a partir dos quais um texto é produzido e consumido." (PINHEIRO, 2002, p. 265).

O CONCEITO DE GÊNEROS DO DISCURSO EM BAKHTIN E FAIRCLOUGH

A idéia de gênero como é aqui considerada nasce com as considerações do Círculo de Bakhtin, especialmente com Voloshinov (1992) e Bakhtin (1992). Este último defende que "*cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos*

relativamente estáveis de enunciados" (BAKHTIN, 1992, p.279, grifo do autor), o que corresponde à noção de gêneros do discurso. Assim, pode-se dizer que os gêneros se constituem como tal devido à institucionalização de usos da linguagem, com diversos graus de regularidade conforme as características da organização na qual são compartilhados (Motta-Roth, 2003).

Segundo Motta-Roth (2003, p.1) podemos compreender gênero discursivo como

> uma combinação entre elementos lingüísticos de diferentes naturezas – fonológicos, morfológicos, lexicais, semânticos, sintáticos, oracionais, textuais, pragmáticos, discursivos e, talvez possamos dizer também, ideológicos – que se articulam na linguagem usada em contextos recorrentes da experiência humana, [e] que são socialmente compartilhados.

Os gêneros do discurso podem ser vistos como um meio social de interlocução em que o discurso é produzido e compreendido com base em um determinado contexto comunicativo e sócio-histórico. Para Rodrigues (2005), a idéia de gênero está ligada à idéia de enunciado em Bakhtin e ao conceito de dialogismo. Um gênero surge de outros gêneros da mesma maneira que um enunciado nasce de outros enunciados anteriores.

As transformações sócio-histórico-culturais que a sociedade vivencia influenciam os gêneros transformando-os de maneira que estes possam se adaptar a novas necessidades discursivas. Dos gêneros "puros", ditos gêneros primários, surgem os gêneros secundários, mais elaborados e institucionalizados do que os primeiros (RODRIGUES, 2005). Os gêneros, portanto, não se limitam ao campo da literatura e apresentam uma variabilidade e dinamicidade própria das relações sociais que de alguma maneira espelham.

Os gêneros orientam tanto aquele que produz o texto quanto aquele que o lê e interpreta, servindo de "'horizonte de expectativa' para os leitores e como 'modelos de escritura' para os autores" (TODOROV, apud PINHEIRO, 2002, p. 265). Ao escrever, o autor é orientado pela noção de gênero. Por outro lado, o leitor, ao entrar em contato com o texto, tem sua leitura e sua compreensão orientadas em função do sistema genérico que conhece na relação com os diversos meios de difusão ao qual tem acesso. Dessa forma, os gêneros do discurso funcionam como guias na construção de significados. Ao realizar a intenção comunicativa, o indivíduo faz uso do gênero discursivo mais apropriado à realização de suas intenções, sejam elas as de anunciar, comprar, vender, comentar, apresentar, questionar, construir e até refutar uma idéia ou

uma imagem. Portanto, o domínio do gênero instrumentaliza o falante para a construção de sentidos nas diferentes situações de comunicação nas quais é chamado a interagir.

Ao pensar a análise dos gêneros com base na ACD é importante levar em conta que esta se preocupa com a "descontrução ideológica dos textos, com as relações complexas entre textos, cognição social, poder, sociedade e cultura" (VAN DIJK, FAIRCLUGH, apud MEURER e MOTTA-ROTH, 2002). Ou seja, a visão da ACD procura ir além daquela idealizada por Bakhtin, apontando como o discurso ao mesmo tempo em que reforça, é reforçado pela estrutura social.

A ACD, ao se propor a analisar os diversos textos que fazem parte de nossas vidas, nas mais diversas formas de interação em sociedade e nos diferentes contextos sociais, preocupa-se fundamentalmente com as questões sociais que influenciam os modos de representação da realidade, de manifestação de identidades e relações de poder que operam na construção dos textos (MEURER, 2005).

A noção de gênero para Fairclough envolve a noção de

> um conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente realiza, um tipo de atividade socialmente aprovado, como a conversa informal, a compra de produtos em uma loja, uma entrevista de emprego, um documentário de televisão, um poema, ou um artigo científico. (FAIRCLOUGH apud MEURER, 2005, p. 81)

Além disso, a noção de gênero relaciona-se não só com a idéia de um tipo particular de texto, mas também com processos específicos de produção, distribuição e consumo deste mesmo texto (FAIRCLOUGH apud MEURER, 2005). Para a ACD a linguagem é vista como forma de prática social, havendo uma relação bidirecional entre textos e sociedade; o discurso pode criar, reforçar ou desafiar as relações sociais, as identidades ou posições sociais e formas de conhecimentos ou crenças.

Segundo MEURER (2005), os textos contêm traços e pistas de rotinas sociais complexas, investigadas pela ACD para tornar visíveis as relações entre linguagem e outras práticas sociais (às vezes naturalizadas ou opacas). As formas de poder se articulam com o "trabalho ideológico" realizado em diferentes discursos. Dessa forma, analisar os diversos gêneros em sua tipificação concreta significa, de certa maneira, analisar as relações sociais que os legitimam.

Dentre os diversos gêneros, no contexto do jornalismo atual, pode-se dizer que a crônica encontrou um espaço cativo nos diversos formatos jornalísticos, seja na mídia impressa, ou na mídia eletrônica. No entanto, para compreender seu papel na veiculação

de idéias e mensagens, é importante analisá-la enquanto gênero mais ou menos institucionalizado.

A CRÔNICA JORNALÍSTICA ENQUANTO GÊNERO

A crônica compreendida enquanto gênero discursivo que, segundo Neves (apud Assis, 2007), oscila entre literatura e jornalismo, caracteriza-se por apresentar uma reconstrução do cotidiano a partir de uma seleção de eventos e recursos escolhidos pelo autor para imprimir-lhe um determinado conteúdo em uma determinada significação no contexto social em que é compartilhada. Desta seleção fazem parte os aspectos que podem imprimir ao texto efeitos de humor e de ironia.

Ao analisar o papel da crônica no espaço jornalístico ressalta-se a idéia de que ela representa um gênero textual que, por suas próprias características, contrapõe-se a idéia de neutralidade e de apresentação não valorativa de eventos observados no dia-a-dia. A crônica trata de temáticas abordadas em outros espaços no contexto do jornal, abordando temas semelhantes a aqueles abordados nas notícias, mas dando a eles um novo enfoque, mais crítico e mais subjetivo, com marcas características do estilo e da opinião do jornalista, ressaltando a idéia de autoria. Portanto, na crônica não se nota a mesma preocupação com a demonstração de uma pseudo-neutralidade como a que se manifesta em outros espaços do jornal.

A possibilidade de dar à crônica um colorido crítico e a percepção da realidade segundo um horizonte axiológico, ou seja, segundo uma visão de mundo particular, faz com que a crônica tenha características diversas daquelas que normalmente se atribuem a outros gêneros da esfera jornalística, mais vinculados a uma concepção de descrição ou relato neutro de fatos. No entanto, como diz Bakhtin, nenhuma palavra é neutra; ao construirmos um enunciado, o fazemos segundo nosso próprio horizonte apreciativo, ou, segundo o horizonte apreciativo do jornal. Portanto nenhuma notícia é, em verdade, neutra.

Para Bakhtin (apud RODRIGUES, 2005, p. 167) os gêneros do discurso são "*tipos* temáticos, estilísticos e composicionais dos enunciados singulares". Dessa maneira todo gênero está vinculado a um conteúdo temático determinado: "seu objeto discursivo e finalidade discursiva, sua orientação de sentido específica para com ele e os outros participantes da interação" (RODRIGUES, 2005, p. 167). Os diferentes gêneros são capazes de modular a possibilidade de "tratamento exaustivo do objeto do sentido"

da interação(BAKHTIN, 1992, p. 284), da mesma maneira que o espaço dado ao estilo particular do autor pode ser maior ou menor dependendo do gênero do qual se fala.

Como a crônica se apresenta como um gênero híbrido, na fronteira entre o literário e o jornalístico, encontra-se neste gênero uma maior produtividade no que diz respeito ao estilo. O estilo individual confere à crônica um propósito e finalidades específicas na esfera social e jornalística. É permitido ao cronista reconstruir a realidade, parodiando o já-dito, para reconfigurá-lo acentuando ou atenuando os diferentes fatos. Ou seja, a crônica é construída na relação dialógica com outros textos jornalísticos, incorporando esses enunciados e revalorando-os segundo uma perspectiva específica. Isso permite ao cronista dar à crônica um colorido irônico ou humorístico, já que a crônica é um gênero essencialmente marcado pela bivocalidade.

Pode-se dizer que a crônica representa, no universo jornalístico, um espaço de relativa autonomia da criação no meio da produção voltada ao consumo rápido nos jornais de nossos dias, sendo, portanto, um gênero mais flexível à atuação criativa do autor. Para Morin (apud ROSSETTI e VARGAS, 2006, p. 4), “Tudo que é inovador sempre se opõe às normas dominantes da cultura” e é esta contradição que permite que “esse universo imenso estereotipado no filme, na canção, no jornalismo, no rádio, e, por outro lado, essa invenção perpétua no cinema, na canção, no jornalismo, no rádio, essa zona de criação e de talento no seio do conformismo padronizado.”

Tais considerações têm relação tanto com as idéias de Bakhtin, quanto com aquelas defendidas por Fairclough. Se por um lado o gênero se atualiza nas práticas sociais de uso da língua e há aqueles gêneros que dão mais liberdade temática, composicional e estilística ao autor, por outro lado é necessário compreender que as modificações que se operam na própria sociedade e a demanda por criatividade moldam a produção, a distribuição e o consumo dos textos.

Segundo Pereira (apud ROSSETTI e VARGAS, 2006, p.6), “a crônica determina novas relações com os gêneros jornalísticos, não se limitando a informar ou opinar; mas construindo novos significados na própria articulação entre várias linguagens que o cronista exercita para explicar as representações de seu mundo ao leitor”.

Travancas, em sua tese de doutorado (1998), comenta a relação do leitor dos dias atuais com o texto jornalístico. Na contemporaneidade o leitor tem pressa e pouco tempo para entrar em contato com a informação. O jornal e o jornalista precisam se adaptar a estas novas realidades: um leitor com pouco tempo e muita necessidade de

informação rapidamente absorvida. No passado as relações de consumo dos textos eram diferentes e permitiam ao jornal manter um estilo mais próximo do literário. Esta possibilidade vem se diluindo com o tempo. Talvez a crônica seja um dos pouquíssimos espaços dentro do jornal em que ainda possa haver uma interlocução mais clara entre o jornalístico e o literário.

Para Martins (apud ASSIS, 2007, p.1), a crônica "parece residir na relação com a palavra falada e com a elocução oral", ou seja, manifesta uma conexão com o dizer popular, sendo, por isso, também construída com base num maior apelo popular, trazendo para o texto aspectos comuns às coletividades que se constituem seu público leitor.

José Marques de Melo (apud TRAVANCAS, 2001, p.5) menciona que afirmar

> que a crônica é um gênero jornalístico constitui uma questão pacífica. Produto do jornal, porque dele depende para a sua expressão pública, vinculada à atualidade, porque se nutre dos fatos do cotidiano, a crônica preenche as três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva.

É claro que a crônica está vinculada à atualidade dos fatos aos quais se refere. A própria origem da palavra crônica, que se refere a *Chrónos* do latim, deus do tempo, na mitologia Grega, mostra a vinculação entre a crônica e a idéia de temporalidade. O contexto de produção e publicação da crônica é o que a legitima. Uma crônica que em dado momento é real e pertinente, pode perder esta pertinência se desconhece o contexto dos acontecimentos aos quais se refere. É como uma piada contada fora de hora ou de contexto e, que, desta forma, não pode ser entendida adequadamente.

Pierre Bourdieu (apud TRAVANCAS, 2001, p.7) afirma que "os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais vêem as coisas". A criticidade e a criatividade própria da crônica abre espaço para uma visão diferenciada da realidade que é pintada pelo cronista em novas cores, realçando ou atenuando determinados pontos, dando uma aparência irônica, humorística, caricata e até ácida ao falar jornalístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que as considerações de Bakhtin e Fairclough a respeito de gênero discursivo complementam-se para o estudo da crônica enquanto gênero, apontando para a sua face híbrida na esfera jornalística que articula o *éthos* jornalístico ao *éthos*

literário, uma vez que constitui um gênero que dá mais espaço à criatividade e criticidade do escritor e, portanto, a compreensão ativa do leitor.

No entanto, é necessário entender a crônica, como enunciado, vinculada a uma cadeia mais ampla de outros enunciados compartilhados socialmente. Tanto a sua criação quanto a sua compreensão é sulcada pelos elementos provenientes destes outros enunciados que dialogam com ela.

A idéia de um lugar cativo no espaço do jornal dá ao autor uma pré-visão da resposta do leitor esperado à sua argumentação e à recriação da realidade que empreende. Ao discutir esta realidade, o autor demonstra uma não neutralidade perante os fatos apresentados que se são valorados e parodiados segundo seu horizonte axiológico, apesar de sofrer as coerções do jornal no qual se insere.

Alguns autores, tais como Luiz Fernando Veríssimo, Carlos Heitor Cony, Arnaldo Jabor, dentre outros, ao possuírem um espaço cativo no jornal, têm na autoria (o nome que assinam) um elemento que assume a responsabilidade discursiva e também ratifica e empresta importância e valor de verdade às opiniões que apresentam em seu texto.

REFERÊNCIAS

ASSIS, L. M. de. *O Efeito de Sentido Causado pelos Aspectos de Oralidade Presentes na Crônica*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno07-14.html> Acesso em 10 de março de 2007.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: _____, **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 277 - 326

_____,M. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. Tradução do russo por Fornoni Bernarni et al. 4. ed. São Paulo: Hulcitec/Ed. UNESP, 1998.

KLEIMAN, A. B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: ROSING, T.M.K.; & BECKER P. (orgs). **Leitura e animação cultural:** repensando a escola e a biblioteca. Passo Fundo: editora UPF, 2002.

MOTTA-ROTH, D. O Ensino de Produção Textual com Base em Atividades Sociais e Gêneros Textuais. *Linguagem em (Dis)curso*, v.6, n. 3, 2003, p. 223 – 243.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. *In:* BONINI, A.; MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D.. **Gêneros: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p 81 – 106.

MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. Introdução. *In:* MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros textuais**. Bauru: EDUSC, 2002, p 09 – 14.

PINHEIRO, N. F. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. *In:* MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros textuais**. Bauru: EDUSC, 2002, p 259 – 290.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. **Gêneros: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p 152 – 183.

ROSSETTI, Regina; VARGAS, Heron. A recriação da realidade na crônica jornalística brasileira. UNIrevista - Vol. 1 , n° 3 : (julho 2006). [online]. Disponível em < http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_RossettiVargas.pdf> . Acesso em 17/07/ 2007.

TRAVANCAS, I. S. A coluna de Ibrahim Sued: um gênero jornalístico. **INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. XXIV, p. 109-122, 2001.

VOLOSHINOV, V. N. [BAKHTIN, M.]. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 1992,